

UMA APRENDIZAGEM OU A BUSCA DA CONTINUIDADE

Daniele Ribeiro Fortuna

“Há uma descontinuidade que é a vida.”¹

Resumo

O artigo analisa a transformação da personagem Lóri após conhecer Ulisses, no livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* de Clarice Lispector. Antes presa à sua descontinuidade (Bataille) e aos instintos de morte (Freud), a personagem passa a buscar o absoluto a partir da ruptura da sua individualidade e da exploração de seu erotismo ao conectar-se a Ulisses.

Palavras-Chave: Continuidade – Erotismo – Instinto de Morte

Abstract

This paper analyses the transformation of the character Lori after meeting Ulisses, in the book *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres* by Clarice Lispector. Previously Lori was imprisoned in her descontinuity (Bataille) and death instincts (Freud). But she starts do seek the absolute through the disruption of her individuality and the exploration of her erotism after connecting to Ulisses.

Keywords: Continuity – Erotism – Death Instinct

Somos seres incompletos em busca da completude. Vazio, solidão, sensação de inadequação, angústia, vontade de morrer, necessidade de amar... sentimentos característicos de nossa humanidade e do que mais nos atemoriza: a inexorabilidade e a fugacidade da existência humana. A cada minuto, o óbvio: estamos mais próximos da morte, mais próximos do fim.

¹ LISPECTOR, C. 1991, p.44

Fim? E se esse fim nos der a completude que buscamos durante toda a nossa vida? E se esse fim preencher esse vazio que sentimos constantemente, estando acompanhados de uma multidão ou da pessoa que mais amamos?

Mas e se não for preciso morrer para preencher as brechas? E se nossa crença em Deus for tão forte que nos faça acreditar que Ele existe e que nos ama? E se o sexo for tão intenso que nos faça pensar que temos todas as nossas lacunas preenchidas? E se o amor for tão avassalador que nos faça sentir completamente amados a ponto de nos vermos plenos, saciados, literalmente completos – ainda que por breves momentos?

Esta é a busca de Ulisses, professor de filosofia, e de Lóri (apelido de Loreley), professora primária, protagonistas de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1991) – romance de Clarice Lispector.

Ulisses conhece Lóri, mulher desprotegida, encarcerada em si mesma e desencantada, e percebe nela a possibilidade do amor, do prazer e da completude. Aos poucos, através do convívio com esse homem, Lóri passa a buscar incessantemente o prazer, que implica não só a realização erótica e amorosa, como também a busca da continuidade.

Segundo Georges Bataille (1987, p. 15), “somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida”. Bataille explica que cada ser que nasce é completamente distinto do outro e daqueles que o geraram – “só ele nasce. Só ele morre. Entre um ser e outro há um abismo, uma descontinuidade” (BATAILLE, 1987, p. 12). Dessa forma, temos sempre a sensação de que nos falta algo, de que somos incompletos.

Durante a vida, buscamos então a continuidade: tentamos nos completar, nos jogar nisso que Bataille chama de abismo e que também podemos chamar de morte e/ou de erotismo. O abismo da morte – ainda que misterioso – é concreto: um coração que já não pulsa, uma pele que perdeu o calor, uma chama que se apagou. Assim, embora a ideia nos seduza, sabemos que ao morrer, embora atinjamos a almejada continuidade, será o fim de nossa (descontínua) existência.

Já o abismo do erotismo, é um mistério fugaz, um segredo, no qual “o que está sempre em questão é substituir o isolamento do ser, a sua

descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda” (BATAILLE, 1987, p. 15). Ao nos unirmos a outro ser – quer seja de forma espiritual, física ou amorosa –, sentimos que já não estamos sós.

Estar com Deus, fazer sexo e/ou amar e se sentir amado faz(em) com que nossa individualidade seja aparente e momentaneamente dissolvida. Aí, então, já não somos descontínuos; tornamo-nos temporariamente contínuos em contato profundo com a descontinuidade do outro ser.

Georges Bataille aponta três tipos de erotismo: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado. No erotismo sagrado, o ser busca a continuidade “para além do mundo imediato”, o que implica “uma abordagem essencialmente religiosa” (BATAILLE, 1987, p. 15). No Ocidente, esse erotismo caracteriza-se basicamente pela necessidade do amor de Deus.

O erotismo dos corpos acarreta sempre “uma violação do ser dos parceiros” (BATAILLE, 1987, p. 16). E nesse ponto, Bataille sinaliza para uma questão essencial: a violência. Os três tipos de erotismo (mesmo o sagrado) são extremamente violentos, na medida em que provocam a passagem da descontinuidade à continuidade, a qual nunca se dá de forma tranquila.

É claro que no erotismo dos corpos a violência se torna mais visível, já que “tem por princípio uma destruição da estrutura do ser fechado que é, no estado normal, um parceiro de jogo” (BATAILLE, 1987, p. 17), mas os três tipos de erotismo buscam o absoluto a partir da ruptura das individualidades.

Quanto ao erotismo dos corações, este provém do erotismo dos corpos, mas o ultrapassa, já que implica afeição. Entretanto, a paixão pode ser mais violenta que o desejo dos corpos, porque, na maioria das vezes, ela instaura a desordem. As promessas de felicidade nunca se cumprem, pois a posse do ser amado – que, para quem ama, significa a continuidade – se mostra irrealizável.

Bataille alerta ainda para relação íntima que existe entre o erotismo e a morte. Tanto um quanto o outro representam a recusa da duração individual, da vontade do ser de não se fechar em si mesmo. E tanto a morte quanto o erotismo trazem dentro de si um segredo, porque nunca sabemos ao certo como se dão. A morte é um segredo, Deus é um segredo, o ser amado é um segredo e, mesmo seu corpo desnudo, traz um segredo em sua profundidade que não se revela.

E o segredo persiste tanto na descontinuidade como na continuidade porque, mesmo que se consiga sair da prisão que é o ser, ainda assim, essa experiência será secreta, única e individual.

Talvez por isso Lóri não desejava jogar-se no abismo do relacionamento com o outro. Ela preferia manter-se descontínua, pois temia o segredo e o abismo. Ela mesma era uma mulher cheia de mistérios, fechada em sua descontinuidade, por mais que Ulisses tentasse lhe transmitir coragem e empurrá-la para esse abismo da busca pela continuidade e do erotismo – a morte em vida:

De Ulisses ela aprendera a ter coragem de ter fé – muita coragem, fé em quê? Na própria fé, que a fé pode ser um grande susto, pode significar cair no abismo, Lóri tinha medo de cair no abismo e segurava-se numa das mãos de Ulisses enquanto a outra mão empurrava-a para o abismo – em breve ela teria que soltar a mão menos forte do que a que a empurrava, e cair, a vida não é de se brincar porque em pleno dia se morre. (LISPECTOR, 1991, p. 39)

Porém, a paralisia de Lóri se explicava pelo medo que ela tinha de sofrer. Mudanças podem trazer dores, e ela desejava manter-se inerte, imóvel, de modo que nada a atingisse e ela pudesse continuar na sua estabilidade. Lóri parecia estar dominada pela pulsão de morte, que a impedia de se movimentar em direção à vida.

Para Sigmund Freud, a existência humana está intimamente ligada ao princípio do prazer ou, pelo menos, à tentativa de evitar a dor:

Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio do prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer. (FREUD, 1974, p. 17)

O ser humano se caracterizaria, segundo Freud, pela busca do prazer que implicaria a estabilidade, de forma a manter uma quantidade constante de

excitação na vida mental. O princípio do prazer também estaria relacionado aos chamados instintos do ego ou instintos de morte – “impulso inerente à vida orgânica” cujo fim “é restaurar um estado anterior de coisas” (FREUD, 1974, p. 53) –, na medida em que estes parecem querer evitar que o indivíduo sofra, fazendo com que ele retorne a um estado inanimado. Para Freud (1974, p. 65), “o objetivo de toda vida” seria então “a morte”:

A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (...), tendência que encontra expressão no princípio do prazer, e o reconhecimento desse fato constitui uma das nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte. (FREUD, 1974, p. 76)

Por outro lado, os instintos sexuais atuariam no sentido de um prolongamento da vida, procurando renová-la. Freud (1974, p. 69) diz que “o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver”. Em *Além do princípio do prazer*, o pai da psicanálise afirma que “o instinto sexual foi por nós transformado em Eros, que procura reunir e manter juntas as partes da substância viva. Aqueles que são normalmente chamados de instintos sexuais são por nós encarados como a parte de Eros voltada para os objetos” (FREUD, 1974, p. 82).

Na verdade, os instintos sexuais estariam constantemente produzindo tensões e rompendo a paz, em contraposição aos instintos de morte, que procurariam sempre restaurar um estado anterior de coisas através da busca da estabilidade e da eliminação da tensão interna.

Por isso, em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (LISPECTOR, 1991), Lóri era uma mulher descontínua em que os instintos de morte pareciam atuar para que ela não saísse de sua imobilidade. Conformada com sua condição de ser descontínuo, não vislumbrava (e não almejava) nenhuma possibilidade de mudança. Aprisionada na mediocridade do seu dia a dia, preocupava-se com o bombeiro, com as compras, com a comida mal feita pela empregada, em como preencher seu tempo durante as não muito esperadas férias.

Ela havia voluntariamente se afastado das pessoas porque se sentia derrotada e supunha que os outros também o eram – “fechei-me numa individualização que se eu não tomasse cuidado poderia se transformar em solidão histórica ou contemplativa” (LISPECTOR, 1991, p. 160).

Mas havia algo de novo nesse cotidiano: havia Ulisses, que na sua ingenuidade, Lóri “supôs que queria ensinar-lhe a viver sem dor apenas” (LISPECTOR, 1991, p. 19) ou talvez um pouco de filosofia.

No entanto, Ulisses queria mais; ele queria que ela não só deixasse de sentir dor, mas buscasse a vida, o prazer sexual e a continuidade – se permitisse cair no abismo. Aos poucos, Lóri foi se dando conta disso. Percebeu que precisava violentamente de Ulisses, de sua proteção e que essa proteção a fazia sentir-se menos descontínua: “por ter de relance se visto de corpo inteiro ao espelho, pensou que a proteção também seria não ser mais um corpo único: ser um único corpo dava-lhe, como agora, a impressão de que fora cortada de si própria” (LISPECTOR, 1991, p. 26).

Lóri, porém, temia aproximar-se realmente de Ulisses. Para ela, ser era uma dor e Lóri estava acostumada somente a existir – os instintos de morte pareciam predominar sobre os instintos de vida, buscando manter a estabilidade e a inércia. Por isso, Ulisses protelava o envolvimento sexual. Ele não queria fazer sexo com ela até que a considerasse pronta para uma entrega total, para sentir a dor da vida.

Dessa forma, estabelecia-se em Lóri uma luta interna entre os instintos de morte e a descontinuidade – “Não havia senão faltas e ausências.” (LISPECTOR, 1991, p. 30) –, os instintos sexuais e a continuidade – “Quero que isto que é intolerável continue porque quero a eternidade” (LISPECTOR, 1991, p. 131). Lóri, então, por vezes avançava e por vezes regredia, fugindo de Ulisses – “Às vezes regredia e sucumbia a uma completa irresponsabilidade: o desejo de ser possuída por Ulisses sem ligar-se a ele, como fizera com os outros” (LISPECTOR, 1991, p. 51).

Lóri recuava, pois sentia pavor que sua alma se aproximasse da alma de Ulisses e do impossível que há em cada ser humano. Ela temia sair de sua ostra e se machucar. Ela temia realmente ver Ulisses e sentir que ele a desejava. Até que sua mente começou a se aquietar, deixando que seus

instintos sexuais tomassem conta de seu corpo, e ela passou a querer Ulisses e a optar pela vida, mesmo que isso significasse enfrentar a dor da qual sempre fugira – “Antes ela evitara sentir. Agora ainda tinha porém já com leves incursões pela vida” (LISPECTOR, 1991, p. 41).

Na verdade, antes Lóri havia cortado a dor e com Ulisses estava aprendendo que cortar a dor era cortar a vida – “sem a dor, ficara sem nada, perdida no seu próprio mundo e no alheio sem forma de contato” (LISPECTOR, 1991, p. 48) –, tanto que em alguns momentos ela sentia que a morte era mais atraente que a vida (“Já quis estar morta não porque não quisesse a vida – a vida que ainda não lhe dera o seu segredo – mas porque ansiava por essa integração sem palavras” (LISPECTOR, 1991, p. 42)).

Um dia Lóri revelou a Ulisses um pouco de sua história. Quando era criança e vivia em Campos (cidade do interior do Rio de Janeiro), seus pais eram ricos e costumavam viajar com os filhos por vários países. Lóri sentia-se só e uma vez até havia se perdido pelas ruas de Paris. Foi a partir de sua infância que ela havia se trancado em si mesma e evitado a dor e, portanto, a vida.

Quando cresceu, Lóri deixou Campos e foi para o Rio de Janeiro em busca da sua liberdade, mas só encontrou a solidão e a prisão que é existir aprisionada em si. Teve poucos amantes – os quais não amou – e quase nenhuma amiga. E somente agora ela se deparava com essa realidade.

Sentia-se cada vez mais próxima de Ulisses, mas ainda não estava pronta:

Mas também sabia de uma coisa: quando estivesse mais pronta, passaria de si para os outros, o seu caminho era os outros. Quando pudesse sentir plenamente o outro estaria salvo e pensaria: eis o meu porto de chegada.

Mas antes precisava tocar em si própria, antes precisava tocar o mundo. (LISPECTOR, 1991, p. 75)

Lóri precisava de um encontro consigo mesma, precisava sentir o prazer de ser, precisava que os instintos sexuais se sobrepusessem sobre os instintos de morte, para que ela pudesse ser – mesmo que por apenas um momento –

um ser contínuo. E ela tinha que encontrar essa continuidade na vida; não na morte, como ela pensava anteriormente. Ulisses lhe dizia:

– Antes de morrer se vive, Lóri. É uma naturalidade morrer, transformar-se, transmutar-se. Nunca se inventou nada além de morrer. Como nunca se inventou um modo diferente de amor de corpo que, no entanto, é estranho e cego e no entanto cada pessoa, sem saber da outra, reinventa a cópia. Morrer deve ser um gozo natural. Depois de morrer não se vai ao paraíso, morrer é que é o paraíso. (LISPECTOR, 1991, p. 72)

Morrer também é a continuidade, também é o retorno à estabilidade, entretanto o que Ulisses queria era o encontro com a continuidade em vida – por Lóri e através de Lóri. Mesmo Deus, que antes ela amava “como quem caiu do nada” (LISPECTOR, 1991, p. 35), agora já não lhe dava alento, pois a experiência sagrada, ainda que também vise à continuidade, tem como objetivo fazer apenas com que “nada perturbe o indivíduo” (BATAILLE, 1987, p. 22).

E Lóri sabia que no caso dela isso só seria possível depois de morta – “enquanto estivesse viva teria que rezar, o que não queria mais, ou então falar com os humanos que respondiam e representavam talvez Deus” (LISPECTOR, 1991, p. 74).

Havia buscado a continuidade nisso que ela chamava de o Deus – porque “Ele é substantivo como substância. Não existe um único adjetivo para o Deus” (LISPECTOR, 1991, p. 153) –, havia esperado que Ele a julgasse, havia rezado, havia desejado encostar o peito nele e não dizer uma palavra, até descobrir que Ele era o Silêncio e que “a palavra de Deus era de tal mudez completa que aquele silêncio era Ele próprio” (LISPECTOR, 1991, p. 75). Deus não mais lhe servia, porque fora feito à sua imagem e semelhança. “O verdadeiro Deus não feito à sua imagem e semelhança, era por isso totalmente incompreendido por ela, e ela não sabia se Ele poderia compreendê-la” (LISPECTOR, 1991, p. 76).

Abandonou a religião da infância e assumiu uma não-religião – Deus agora “era tão vasto que ele era o mundo com suas galáxias” (LISPECTOR, 1991, p. 95), e ela “rejeitava violentamente um Deus a quem não se pudesse

apelar” (LISPECTOR, 1991, p. 128). Passou a buscar mais o mundo, o existir e o estar com as pessoas.

E era isso que ela estava tentando fazer: existir e falar; falar com as pessoas, falar com Ulisses. Mas se só ser era difícil e a promessa de felicidade parecia algo inatingível, como deixar de se sentir só se “o humano é só (...) e o que o ser humano mais aspira é tornar-se um ser humano” (LISPECTOR, 1991, p. 87) e continuar na sua descontinuidade, na sua imobilidade imutável?

Lóri então preparava-se para estar com Ulisses, encontrando-se antes com a natureza e com as outras pessoas. Ela se entregou ao mar, jogando-se em suas águas – e “era isso o que estava lhe faltando: o mar por dentro como o líquido espesso de um homem” (LISPECTOR, 1991, p. 93) –, aspirou o aroma forte dos peixes mortos, foi desacompanhada a um coquetel, comprou suéteres vermelhos para os seus alunos e para si própria, comprou um guarda-chuva vermelho para contrastar com os cinza dos dias chuvosos. Ela começava a reparar nas nuances das cores, nas texturas das frutas, nos sabores dos alimentos.

Lóri apenas trilhava o caminho já percorrido por Ulisses, que sempre a alertava para a dor de estar vivo – a dor e a violência que é a vida e (sua descontinuidade) desde o nascimento:

Nossa vida é truculenta, Loreley: nasce-se com sangue e com sangue corta-se para sempre a possibilidade de união perfeita: o cordão umbilical. E muitos são os que morrem com sangue derramado por dentro ou por fora. É preciso acreditar no sangue como parte importante da vida. A truculência é amor também. (LISPECTOR, 1991, p. 115)

Mas Lóri já sabia disso. Ela já podia sentir a violência eclodindo dentro de si:

O que era aquilo tão violento que a fazia pedir clemência a si mesma? Era a vontade de destruir, como se para destruir tivesse nascido. E o momento de destruição viria ou não, a escolha dependia de ela poder ou não se ouvir a si própria. (LISPECTOR, 1991, p. 132)

E assim sentia que estava viva, que vibrava por dentro, que já não queria mais a inércia. Agora ela queria o absoluto, queria a vida, queria a

tensão, queria a dor, queria deixar-se levar pelos seus instintos sexuais, queria Ulisses e queria o segredo que era o corpo de Ulisses e o seu corpo desnudo diante do corpo de Ulisses: “então veio finalmente o dia em que ela soube que não era mais solitária, reconheceu Ulisses, tinha encontrado o seu destino de mulher” (LISPECTOR, 1991, p. 138)

Ela sabia que para morrer teria que viver a vida e que uma vida vivida de forma contínua poderia ser tão grande e intensa quanto a morte:

Era como se a morte fosse o nosso bem maior e final, só que não era a morte, era a vida incomensurável que chegava a ter a grandeza da morte. Lóri pensou: não posso ter uma vida mesquinha porque ela não combina com o absoluto da morte.” (LISPECTOR, 1991, p. 141)

Então, finalmente, Lóri sentiu que estava pronta e, no meio de uma noite, foi para casa de Ulisses. Deu-se assim o encontro de dois seres descontínuos que através do contato profundo de seus corpos mergulham na continuidade: “Nunca um ser humano tinha estado mais perto de outro ser humano. E o prazer de Lóri era o de enfim abrir as mãos e deixar escorrer sem avaréza o vazio-pleno que estava antes encarniçadamente prendendo-a” (LISPECTOR, 1991, p. 168, 69).

Ainda que momentaneamente, Lóri e Ulisses deixaram que seus instintos sexuais os dominassem e experimentaram a continuidade:

eles se haviam possuído além do que parecia ser possível e permitido, e no entanto ele e ela estavam inteiros. A fruta estava inteira, sim, embora dentro da boca sentisse como coisa viva a comida da terra. Era terra santa porque era a única em que um ser humano podia ao amar dizer: eu sou tua e tu és meu, e nós é um. (LISPECTOR, 1991, p. 175)

Entretanto, como esse momento era fugaz, apesar de se sentirem transformados, continuaram suas vidas e o livro – tanto quanto a aprendizagem – assim como não tinha início, também ficou sem desfecho: começou com uma vírgula e terminou com dois pontos, talvez para mostrar que *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* é apenas um *flash* de duas vidas, de um

cotidiano e de uma busca que não se sabe muito bem quando começou e quando vai (e se é que vai) acabar.

Referências Bibliográficas

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre: Editora LPM, 1987.

FREUD, Sigmund. *Obra Completa. Além do princípio do prazer*.(1920), vol. XVIII. 1a.ed. Rio de Janeiro. Imago, 1974.

LISPECTOR, Clarice. *Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991.